

NR

NOVO

RUMO

novembro \$3,00

**FIM DA DITADURA!
PELA CONSTITUINTE!**

CHEGA DE VOTO NULO!

QUEREMOS UM

PS
ARTIDO SOCIALISTA

EXCLUSIVO: CADÊ OS 34%?

A repressão ao ME feito no decorrer de todo ano de 1977 com prisões, torturas, culminando com a invasão da PUC-SP, continua a nos atingir.

Falamos da repressão que está sofrendo a nossa imprensa, a única que representa os anseios de nosso movimento, uma imprensa realmente independente. Aqui em São Paulo, depois do ataque aos jornais "Dois Pontos" e "Averso", os companheiros do grupo Resistência tiveram seu jornal apreendido, inclusive com a prisão de dois colegas. No Rio foi o jornal "Quilombo dos Palmares" e em BH o jornal "Senzala". Nós de NOVO RUMO, perdemos parte de nossos exemplares, do nº 2, destruídos pela polícia na invasão da PUC, e fomos contemplados com ataques diretos do Sr. Erasmo Dias, acusando-nos de "subversivos irrecuperáveis", dizendo que o R do logotipo de nosso jornal continha uma foice e um martelo (!). Além disto tivemos barradas as possibilidades de impressão de nosso jornal em tablôide, como nos números anteriores, encontrando resistência em todas as gráficas que pudemos observar para impressão de NR.

Para nós a repressão que está sofrendo nossa imprensa vem do fato de cumprirmos um papel fundamental, enquanto órgãos independentes de informação e propaganda da nossa luta democrática. Sendo jornais independentes e sem censura, transmitem ao conjunto dos estudantes as discussões políticas travadas no movimento de massas, contribuindo de modo decisivo para a incorporação de novos setores ao nosso movimento.

Apesar dos ataques, continuaremos a cumprir o nosso papel junto ao movimento de estudantil, lutando dentro das condições possíveis, para continuar saindo com regularidade.

Por isto, na impossibilidade de imprimirmos nosso jornal em gráficas, ele sai em off-set ofício.

Entendendo no entanto ser da maior importância a defesa da imprensa estudantil, NOVO RUMO, chama a todos os estudantes, entidades e tendências a empreenderem uma ampla campanha em prol de nossa imprensa, contra as investidas da repressão e desde já, abrimos nossas páginas a todos os companheiros que estão impedidos de se manifestarem em função dos ataques da ditadura militar.

A LUTA PELA CONSTITUINTE

Quem diria? Tímidos opositores amedrontados, velhas raposas do PSD, antigos populistas do PTB, todos falando da Assembléia Constituinte como a solução dos problemas de redemocratização do país e como solução para sair do impasse. É claro que nos referimos ao MDB e à sua campanha pela convocação da Assembléia Constituinte, aprovada por unanimidade na sua convenção nacional. No entanto, é importante perguntar de onde apareceu tanta coragem para estes "opositores" mais que cautelosos e lançarem-se numa campanha como essa?

É inegável que o fato do MDB ter colocado a Constituinte como uma bandeira significa uma grande oportunidade para os que lutam contra o governo militar. A Constituinte democrática e soberana sintetiza todas as aspirações democráticas dos setores populares. Lutar por ela significa reivindicar uma transformação da sociedade, o fim da ditadura militar e um regime com liberdades democráticas plenas, onde possam todos os setores sociais se expressar e organizar livremente.

A importância desta campanha exige portanto, uma explicação do porquê da entrada do partido consentido nela. A crise econômica e política que atingiu com toda força o Brasil nestes últimos anos, traz consigo uma radicalização geral da sociedade. A burguesia nacional, cabeça do MDB, não escapou desta tendência geral. Seus atritos com o imperialismo e com o governo de força do general Geisel, que determina quem vai levar que parte dos lucros, conduziram aquele setor burguês a posições mais radicais. As massas que se levantaram este ano por anistia, liberdades democráticas e pela reposição dos 34% completaram este quadro empurrando os grupos do MDB mais ligados a elas, os "autênticos", para que pressionassem o conjunto do partido em prol da campanha.

A grande maioria dos burgueses concorda hoje que uma abertura política é necessária e inevitável. O movimento de massas pressiona por seu lado,

por uma verdadeira liberdade para todo o país. A ditadura, enfraquecida pela divisão burguesa, já está se conformando com a distensão e agora luta para mantê-la sob seu controle.

Aquilo que nós de NR, já dizíamos, desde o ano passado (76) através das tendências que hoje nos apoiam (Mobilização-USP por ex.), se confirma plenamente: nem vai haver uma direitização, nem aumento da repressão como afirmavam Refazendo e Caminhando, nem por outro lado a ditadura está para cair amanhã como os companheiros de Liberdade e Luta analisavam. A tendência mais provável, que

a realidade está comprovando plenamente, é uma "abertura" controlada, patrocinada pelo governo Geisel, que cede as pressões de todos os lados: da burguesia descontente, do imperialismo e das massas. Só os cegos não veem isto, ainda mais agora com o recente discurso de Geisel de clarando a substituição dos atos de excessão por "salvaguardas" do Estado e as declarações de Petrônio Portela declarando o fim próximo do 477 ou antes disto com a demissão de Frota. Só torcendo totalmente a realidade é que poderemos ver nestes fatores uma direitização, ou que o regime se fortalece ao se institucionalizar, ou mesmo que nada mudou, como diz Refazendo. Nós achamos que o governo de Geisel só apresenta estas mudanças porque está pressionado por todos os lados. Estas mudanças significam um enfraquecimento geral do governo, significa que ele cede às pressões, embora ainda tenha força suficiente para dirigir o processo de abertura.

Cabe ao ME e ao movimento de massas em geral empurrar a ditadura contra a parede, exigindo seu fim imediato a "abertura" que de fato nos interessa a reformulação do quadro político existente, através da convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte Democrática e Soberana, livremente eleita.

NOVO RUMO apóia a campanha pela Constituinte que o MDB aprovou na sua convenção, mas achamos que embora o



programa para a convocação desta Constituinte tenha pontos corretos (anistia, fim do AI-5 e dos atos de exceção, eleições diretas, etc.) faltam algumas coisas essenciais que falaremos logo a seguir.

Além disto não temos nenhuma confiança na direção do MDB para encaminhar esta campanha. E a prática até agora, tem confirmado essa nossa desconfiança. Com exceção de uma concentração em SP, a campanha tem se desenvolvido à "escondidas" quase sem a preocupação de se mobilizar por ela, principalmente nos grandes centros de concentração popular. Achamos que os setores mais consequentes do MDB devem tomar à frente do processo para fazer desta uma campanha de fato, que realmente leve a constituinte às massas. Se o fizerem estaremos sem dúvida, lado a lado, numa frente única contra a ditadura.

CONSTITUINTE COM GEISEL

O MDB na sua pregação pela redemocratização não coloca claramente a CONSTITUINTE ligada ao fim da ditadura. Se o ditador ou se sucessor a convocarem, não será ela de nenhum modo soberana, pois terá compromissos com a ditadura militar. Para nós a constituinte não poderá ser "biónica", convocada pelo atual governo. Queremos sim o fim do regime atual com a instalação de um governo provisório que convoque eleições livres para a assembleia unicameral, que elaborará a CONSTITUIÇÃO. nesse caso não se pode aceitar de maneira alguma uma constituinte, que não seja precedida por todas as liberdades democráticas: Anistia Ampla e Irrestrita, Liberdade de Organização para todos os partidos políticos, Fim do Governo Militar, etc., e que por sua vez não tenha nenhum poder acima dela que a cerceie.

Dessa forma não poderemos concordar com a hipótese levantada por eleição e transformar o atual Congresso em Constituinte. Os partidos que o compõe, Arena e MDB, estão submetidos em todos os momentos às decisões de legislações repressivas e à fidelidade partidária. Esse congresso que hoje não pode alterar as disposições do ditador e do seu ministério com relação ao orçamento público, ou com relação aos atos institucionais e às cassações, não representa a realidade política do país, não é representativa nos setores populares e não poderá nunca defender as aspirações popula-

res plenamente. Qualquer transformação deste congresso numa Assembleia Constituinte levará em seu seio as limitações impostas pelo tal regime, que pretendemos derrubar. Propor uma metamorfose tão absurda não passa de uma farsa.

CONSTITUINTE COM ARENA E MDB

O sem-sentido de eleger uma constituinte apenas com candidatos filiados aos partidos atuais para nós é evidente. A Arena hoje, após os muitos meses de aprofundamento da crise política, está rachada em várias frações. O setor da ultra direita ex-Frotista agrupa cerca de 40 deputados, outro tanto se une em torno do deputado Herbert Levy e de seu Partido Democrático Social em gestação. O chamado "Grupo de Vanguarda" está apoiando a Constituinte, e Teotônio Vilela, Faria Lima e Cia. buscam adeptos para seu "Projeto Brasil" de reformas políticas econômicas.

O MDB marcha rápido para desagregação. Há o setor que apóia o "diálogo" com a ditadura, à espera de uma democratização tipo "Pacote" comandada pelo regime militar. Outro grupo prefere defender a Constituinte, evidentemente sem precisar qual - com ditadura ou sem, com Arena e MDB ou com todos os partidos, com a campanha de mobilização de massa ou apenas de pronunciamentos parlamentares, etc..

Há o grupo de uns 10 deputados e senadores que está em contato constante com Mário Soares, Willy Brandt, e outros expoentes da Social-Democracia, inclusive visitando PSs da Europa, acertando a construção de um Partido Social Democrata.

Outro grupo, justamente a ala mais consequente dos "autênticos", parece se definir por um Partido Socialista democrático e amplo, aberto a todas as correntes políticas do movimento de massas, e ao que consta sem vinculação com a Social Democracia européia.

Para estar à altura da tarefa de estruturar o cenário político segundo os interesses da população, a Constituinte deve ser chamada com liberdade a todos os partidos de lançarem os seus candidatos e de agitar livremente seus programas políticos.

Este é um ponto básico sem o qual ela não será democrática.

A liberdade a todos os partidos é uma reivindicação democrática que devemos colocar, mas é bom termos cuidado com o perigo da pulverização política do movimento de massas. Na Espanha, por exemplo, a eleição das novas Cortes no dia 15 de julho, a primeira após 40 anos de Franquismo, lançaram nada menos que 180 partidos! Tãmanha divisão das organizações políticas dos trabalhadores sô favoreceu a vitória da burguesia, que se uniu na União de Centro Democrático (UCD, partido do 1º ministro Suarez) e conseguiu a maioria de votos.

Temos que aproveitar a força cada vez maior de reivindicação do nosso movimento não para nos dividir em inúmeras pequenas correntes, mas para crescer em força e número. daí a proposta de unidade na construção de um Partido Socialista amplo e democrático que possa aglutinar todas as tendências do movimento de massas dispostas a assumir um programa consequente de luta e defesa do nível de vida dos trabalhadores, pelas liberdades democráticas, contra o imperialismo e o latifúndio, e por um Brasil Socialista.

Isto não significa romper a unidade contra a ditadura pelas liberdades democráticas. Pelo contrário, se trata de definir mais claramente dentro desta frente democrática às forças que a compõem. Sabemos que os socialistas são democratas mais consequentes. Por isso mesmo é hora de aglutinar estes setores consequentes em torno de um programa que se coloca desde o ponto de vista dos trabalhadores e que procure ser a direção organizada desta frente, que a leve a se mobilizar por suas palavras de ordem. Ao fazer isto estaremos fortalecendo esta frente junto às massas e não enfraquecendo-a, já que reforçaremos o seu poder de mobilização.

A independência política dos trabalhadores e oprimidos face à burguesia, desta forma, se concretizará sem confusão, através da unidade dos mais consequentes. O PS será o meio de intervir na luta pelo fim da ditadura e pela Assembléia Constituinte, e nosso instrumento de intervenção unitária na própria constituinte, levando as reivindicações dos trabalhadores com forças somadas e não divididas.

Levando-se em consideração a campanha nacional levantada pelo MDB e a sua omissão quanto a vários pontos programáticos pela constituinte, o que comprova sua falência como partido, é fundamental que os seus setores mais consequentes, formem dentro do partido oposicionista uma ala socialista que leve consequentemente a campanha pela constituinte e, que lute de dentro pela construção e legalização do PS.

Por seu lado, o movimento estudantil tem avançado em seu processo de reorganização e na luta por liberdades democráticas. Para tanto é necessário que todos os setores do ME assumam como sua a tarefa de construção de um verdadeiro partido socialista, como alternativa clara de defesa das aspirações populares e de garantir o avanço da luta por uma assembléia constituinte democrática e soberana. Portanto, deve denunciar todas as manobras que a burguesia vem tentando realizar com a finalidade de encarar a sociedade brasileira, no sentido de não conceder uma verdadeira redemocratização.

Devemos contrapor a todo momento a assembléia constituinte democrática e soberana as diversas formas de constituinte proposta pela burguesia e avançar decisivamente na derrubada do governo militar que nos oprime a quase 14 anos.

Para tanto, propomos que o ME, os setores consequentes do MDB e todo o movimento de massas abram uma frente única com a finalidade de lutar contra a ditadura militar e conseguir uma Assembléia Constituinte Democrática e Soberana, precedida de liberdades democráticas para todos.

JULGAMENTOS: UMA VITÓRIA DAS MOBILIZAÇÕES

No dia 29 de novembro, em São Paulo, foram julgados Celso Giovanetti Brambilla e mais 15 pessoas acusados de pertencerem ao Movimento de Emancipação do Proletariado e à Liga Operária.

As amplas manifestações pela libertação destes companheiros, incisivos golpes do movimento de massas na ditadura militar, encurralou de tal modo os representantes do bonapartismo decadente, que não fizeram outra escolha: reconhecer a força do movimento de massas e lhe fazer concessões.

Durante o julgamento, o Sr. promotor enquanto acusa formalmente os companheiros, nas entrelinhas, deixava claro que deviam ser absolvidos. E o tribunal da aeronáutica (militar, portanto) que os julgou foi unânime: absolvidos todos os acusados por insuficiência de provas!

Este resultado não é fortuito. Para disso estarmos certos basta-nos olhar um pouco nossa história pós-68 e verificarmos quantas pessoas foram condenadas por motivos semelhantes e com menor número de provas. Inúmeros presos políticos ainda apodrecem em sórdidas prisões.

Há motivos muito concretos para esse comportamento da ditadura militar. Repetimos: é o movimento de massas que avança resolutamente, exigindo concessões, obtendo suas primeiras vitórias.

Toda essa mobilização abriu brechas para que outros setores explorados da população também se manifestassem, também se engajassem na luta contra a ditadura, acelerando seu fim.

Hoje vemos presos políticos deflagrando movimentos por melhores condições carcerárias e fim às torturas. Quase toda a população está ciente das péssimas condições de existência a que estão submetidos nossos presos políticos e inclusive setores ligados ao governo se manifestam pelo fim das torturas a presos políticos como por exemplo o caso de alguns ministros do Supremo Tribunal Militar.

Em síntese esta significativa vitória das massas, ao mesmo tempo em que fortalece o movimento - e por isso mesmo - acelera a queda definitiva da maldita ditadura militar que já há 13 anos oprime nosso povo.

- Fim às torturas, prisões e perseguições políticas!
- Anistia ampla e irrestrita a todos os presos políticos, cassados, banidos e exilados!
- Abaixo a maldita ditadura militar!
- Pelas Liberdades Democráticas!

UMESC

A vitória da UMESC dá um novo ânimo ao ME para levar até o fim a reconstrução da UEE-SP e acelerar a da UNE. Está claro que o retrocesso temporário das lutas gerais e políticas, não impede que se façam eleições para entidades municipais ou mesmo para a UEE. Isto nós, de NR, já afirmávamos em outubro quando, por uma manobra das direções do movimento (principalmente Refazendo e Caminhado, embora Resistência tenha aderido), as eleições para a UEE-SP foram adiadas para o ano que vem. Um elemento que reforça nossas conclusões é que as eleições para a UMESC não foram reprimidas apesar da campanha eleitoral ter sido intensa. Em todas as escolas foram colocadas urnas e mesmo nas mais atrasadas a votação transcorreu sem maiores problemas. Não queremos dizer com isto que as eleições para a UEE não sofrerão nenhum tipo de repressão, mas penas alertar para o exagero e o alarmismo destas tendências quando colocam a questão da repressão que o movimento sofreu nestes últimos meses e a sua desmobilização relativa, como uma barreira intransponível para a realização das eleições para a UEE. A UMESC eleita é a maior prova em contrário.

Neste momento portanto a principal tarefa do movimento estudantil paulista é a realização das eleições para a UEE. Isto deve atrair nossos esforços desde as calouradas, que já estão planejadas para terem como eixo a UEE. Chamamos ao CEE que marque as eleições para abril, convocando-as assim que as aulas começarem. Todas as entidades e as tendências paulistas têm a obrigação de fazer da UEE o centro das suas atividades.

Da mesma maneira a UNE é a preocupação geral dos estudantes de todo o país. A formação da comissão pró-UNE como saldo do III ENE, foi um passo importante para a sua construção, mas ainda é insuficiente. Queremos que a comissão pró-UNE defina o mais rápido possível a data para um IV ENE massivo, que conte com a maior representação possível dos estudantes a nível nacional, e que marque a Fundação da UNE imediatamente. Esta é a nossa maior luta no momento.

Em muitos lugares do mundo a eleição de uma União Municipal de Estudantes seria um acontecimento corriqueiro. Em São Carlos no entanto, no Brasil de 1977, a coisa é diferente. A eleição da União Municipal dos Estudantes de São Carlos é uma grande vitória dos estudantes e das massas exploradas no geral, um fecho de ouro para um ano de mobilizações e de amplos protestos contra a situação de opressão no Brasil. Esta é a primeira entidade geral dos estudantes; a primeira que ultrapassa a representação por Universidade desde que as UEEs e a UNE foram esmagadas em 68.

A UMESC é o resultado direto, o saldo que o ME retirou das mobilizações que começaram em maio deste ano. São Carlos foi uma das cidades que mais se mobilizou em defesa dos operários e estudantes presos e pela anistia. Foi histórico o ato público que reuniu 5000 manifestantes para defender os presos, especialmente Celso Brambilla (ex-operário de São Carlos). Por estes motivos é natural que daí saia a maior vitória dos estudantes no sentido de sua reorganização.

A participação nas eleições foi significativa: votantes, superando a soma dos que votam nas entidades por escola. Em algumas escolas como a nº foi um recorde de participação. Por outro lado os debates, pelo menos nas grandes escolas (Federal e) foram bastante políticos, como por exemplo sobre a Assembleia Constituinte e a questão do PS, defendidas pela chapa NOVO RUMO. Outro ponto importantíssimo foi a questão de uma UMESC democrática, que permita a ampla participação dos estudantes em suas atividades e discussões políticas.

NOVO RUMO saúda os estudantes de São Carlos, responsáveis pela sua participação e seu voto, por um novo impulso à reconstrução da UEE SP e da UNE. A vitória conseguida pelos companheiros tem repercussão nacional e representa um novo golpe sobre a ditadura.

A vitória da chapa NOVO RUMO, faz justiça aos que foram e estão sendo conseqüentes na luta pela reorganização do movimento estudantil e pelas liberdades democráticas. Enfim, aos que estiveram à frente das mobilizações. Podemos assim garantir que esta UME será efetivamente combativa e democrática, continuando a tradição de luta que vem desde sua fundação.



VESTIBULAR

UM FUNIL GADA VEZ MAIS

ESTREITO

No dia 11 - dezembro - realizou-se em São Paulo e em algumas cidades do interior a primeira fase do vestibular da Fuvest. Mais de 100 mil candidatos prestaram exames concorrendo a 10 mil vagas distribuídas em várias escolas.

Nesta primeira fase de exames 70% dos vestibulandos serão eliminados enquanto que os restantes irão prestar a 2a. fase em janeiro/78.

Entrar na Universidade está sendo cada vez mais uma guerrinha particular, uma competição desenfreada, da qual os responsáveis pela Educação do país, procuram tirar todo o caráter de problema social que ele representa na realidade.

O governo procura de todas as maneiras fazer ver àqueles que pretendem entrar em uma Universidade que todos os esforços tem sido dispendidos para a melhoria do nível de ensino nas faculdades, e também que o número de vagas aumenta a cada ano que passa.

Vejamos mais de perto esta afirmação.

VERBAS

As verbas para a educação tem diminuído a cada ano que passa, enquanto que setores como a segurança militar tem percebido a maior porcentagem na distribuição, como podemos testar através dos números orçamentários de 1978. As dotações para o setor militar serão de 34,2 bilhões de cruzeiros enquanto que as verbas destinadas à Educação serão de 16,7 bilhões de cruzeiros. Devemos destacar que o Brasil é o país da América Lati

na que mais dispense verbas com o setor militar e também o que menos verbas dá à Educação.

A diminuição das verbas para a educação, e conseqüentemente, a diminuição do número de vagas oferecidas em escolas públicas, provocou o aparecimento de "Escolas Empresa", as Universidades particulares. Os defensores da política educacional do governo dizem que estas universidades surgirão para melhorar o nível de ensino e para aumentar o número de vagas dos cursos superiores. Eles se esquecem de dizer que surgiram como empresas que visam, em primeira mão, o lucro, o que por si só provoca o baixo nível de ensino nestas escolas, não proporcionando o mínimo para aqueles que as frequentam. Várias Faculdades surgem, porém só servem como elementos figurativos. E o pior, tem as anuidades a preços exorbitantes, aumentando consideravelmente a cada ano que passa, como é o caso da PUC-SP que pretende aumentar 43% suas anuidades para o ano de 78.

Com o surgimento dessas "faculdades" o governo procura se eximir da responsabilidade de proporcionar ensino gratuito e a bom nível ao estudante brasileiro, criando através de órgãos oficiais (CEF) financiamentos aos estudantes que por ventura venham a estudar em escolas particulares, transferindo o problema, como dissemos, para as costas da população.

VAGAS

Por outro lado o vestibular vem se tornando cada vez mais seletivo. Agora, com a introdução do método de duas etapas a coisa ficou violenta. Mais de 2/3 dos candidatos são eliminados na 1a. etapa, que na verdade é eliminatória, embora teoricamente o

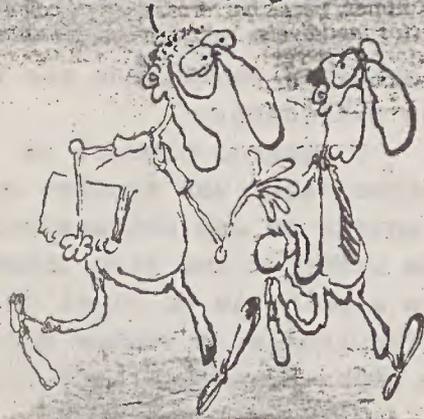
vestibular seja classificatório. O motivo disto é manter no máximo o mesmo número de vagas dos anos anteriores a pesar do nº de candidatos crescer a cada ano. Isto é consequência direta do corte de verbas. No final quem paga pelo corte de verbas para a Educação é logicamente o estudante. As barreiras para o ingresso na Universidade aumentam a cada dia e o ensino se torna um privilégio de uma camada cada vez menor.

Além deste quadro em relação ao corte de vagas a situação nas Universidades não é melhor de forma nenhuma. As anuidades e as taxas sobem com a mesma rapidez com que o nível de ensino desce. Aos que passaram no vestibular não os espera um mar de rosas, mas sim uma situação em que é preciso reivindicar constantemente os nossos direitos, como a melhoria das Condições de Ensino, uma Universidade Democrática e Liberdades Democráticas para o país. Os estudantes universitários, tem se mobilizado bastante, principalmente este ano, em cima não só destas questões de ensino como também saído às ruas lutando pela Anistia e pelas Liberdades Democráticas. Algumas vezes fomos reprimidos violentamente mas nosso movimento continua em ascenso e agora se junta a este uma nova camada de "candidatos" à Universidade.

Chamamos a todos os colegas que prestam vestibular a começarem a lutar conosco desde já pelos seus direitos: queremos que acabe mais esta barreira para a Universidade que é a primeira etapa do vestibular, queremos mais vagas, queremos mais verbas para a Educação.

Lutamos por uma Universidade Democrática em que todos possam ter acesso independente das suas possibilidades econômicas. Esta é uma luta de todos nós: universitários, secundaristas e dos oprimidos em geral. Mas principalmente neste momento é uma luta do vestibulando, que vive na carne este problema.

BEM, NO VESTIBULAR
JÁ PASSEI, AGORA SÓ FALTA
PASSAR PELOS GASES
LACRIMOGÊNEOS!



OS TRABALHADORES

PRECISAM DE UM

PARTIDO PRÓPRIO ?

É importante que o trabalhador brasileiro tenha para si um partido que o represente e defenda na ação política seus próprios interesses. Um partido que lute pelas reivindicações específicas da classe, como também pelas mais gerais, ou seja, em termos de realidade mais concreta, combata o erro salarial, pelas liberdades sindicais e democráticas, contra o imperialismo e pela transformação do Brasil num país socialista, terminando assim com todas as formas de exploração.

Existe uma necessidade histórica do trabalhador brasileiro de formar um partido da classe; já que até hoje, eles viveram atrelados aos partidos da burguesia, que naturalmente não respondiam aos interesses dos explorados. Parcourrendo os últimos anos da nossa história, vamos encontrar uma série de partidos que aglutinaram os trabalhadores, sem contudo possuírem uma verdadeira perspectiva política da classe. Quem não se lembra da atuação do PTB, nas épocas de Getúlio e Jango? Eram partidos com grande penetração no proletariado, mas suas direções eram compostas por amplos setores da burguesia, principalmente da agrária e por uma minoria de representantes da aristocracia operária, ligada à burocracia estatal e aos sindicatos mais poderosos. Nenhuma representação da massa trabalhadora. A política do PTB foi durante os seus quase 30 anos de existência, uma mescla de populismo, com conchas de cúpula dentro do aparato de

estado da política burguesa. A classe trabalhadora praticamente cumpria o papel de massa de manobra nas negociações da direção do partido e os setores sociais as quais elas representavam com o imperialismo, permitindo que essa direção se colocasse numa posição um pouco mais forte nas barganhas com o sócio maior: o capital financeiro. E o trabalhador recebia no máximo as migalhas, isto é, as concessões mínimas para que continuasse aceitando essa situação que lhe era imposta.

Como exemplo, deve ser lembrado toda a trajetória política do PTB, principalmente nos anos do governo de Jango, onde em nenhum momento tirou uma política clara de penetração na classe e de ampliação da participação da classe nos canais de decisão do próprio partido. Quando do golpe de estado, jamais pensou em mobilizar os trabalhadores reunidos em torno da CGT (Confederação Geral dos Trabalhadores) com a finalidade de bloquear o avanço dos militares gorilas em 64. O resultado dessa política é claro: 13 anos de ditadura militar, empobrecimento cada vez maior do operariado e penetração do imperialismo em todos os setores de nossa sociedade.

OS PARTIDOS ATUAIS E OS TRABALHADORES

Os atuais partidos políticos existentes no país são produto da ditadura militar. São portanto um produto da sua legislação repressiva, que impede a criação de partidos operários e populares e dificulta mesmo o registro de outros partidos burgueses. Por isto são organismos divididos (divisão que se acentua com a crise econômica e política no Brasil) entre diversos setores burgueses e, no caso do MDB, entre outras classes que na falta de opção afluem ao partido de oposição legal. A Arena, o partido oficial, pretende representar os setores da burguesia ligados diretamente ao capital financeiro internacional, ao latifúndio e à burguesia produtora de bens de consumo (obviamente os trabalhadores não

tiveram qualquer ilusão em relação a esse partido).

O MDB é um partido cuja direção representa a burguesia nacional e hoje principalmente seu setor mais forte. Mas por ser o único partido de oposição consentido aglutinou dentro de si, diversos setores de pequena burguesia radicalizada (autênticos) e até mesmo uns poucos setores operários. Isto, embora não mude o seu caráter de partido (burguês), vem causando inúmeras divergências, por exemplo entre os autênticos e moderados, e agora dentro destes próprios grupos. O MDB é um partido eminentemente eleitoral e embora não tenha bases nas massas recebe a maioria dos votos dos trabalhadores, porque só ele aparece como opção.

Até hoje o partido burgues de "oposição" à ditadura, tem claudicando frequentemente na hora de tomar qualquer posição mais radical em defesa dos interesses da classe trabalhadora, apesar da massa de votos recebidos em 74. Em nenhum momento o MDB tocou no problema do imperialismo: jamais defendeu quando das cassações, o mandato do povo, isto é, os candidatos operários cassados; não saiu em campanha em defesa dos 34% de aumento salarial aos quais os metalúrgicos tem direito; e sua campanha pela Constituinte até agora, além de ser confusa, não colocou o problema do fim do governo militar e nem pela participação livre de novos partidos.

O MDB tende cada vez mais a sofrer o impacto da divisão da burguesia e o impacto da "abertura" promovida por Geisel por um lado e o ascenso das massas exploradas de outro. Assim ele tende a se fragmentar com a aceleração da crise política no Brasil. Mas esta situação é geral e não só o MDB sofre os seus efeitos. Atualmente, a própria burguesia começa a demonstrar seu descontentamento, suas divisões internas aumentam a cada dia (ver IV Conclap) e exige a criação de novos partidos políticos que reflitam melhor a realidade da divisão das classes e setores sociais. Isso significa que o bipartidarismo está no fim, e o nosso pa-

pel não é mais aceitar os partidos políticos da burguesia e sim trabalhar - mos no sentido da criação de um partido da classe trabalhadora.

O PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO

Até o momento, a classe trabalhadora pode fazer somente uma pequena experiência com um partido formado dentro da classe, o PCB. Este partido desde a sua fundação em 1922 esteve na legalidade durante um curto período em 1946, o que reduziu bastante as possibilidades de sua atuação entre o proletariado como um todo, dificultando assim qualquer possibilidade da classe senti-lo como um partido seu. Por outro lado, a própria atuação do PCB na clandestinidade tem dado claros sinais de que não se constitui em alternativa concreta como partido da classe, se bem que possua uma grande penetração entre os trabalhadores. O partido vacilou em 64, entre uma política de apoio aberto ao governo de Jango e de conciliação com o PTB e um esboço de uma política independente quando da criação da CGT; mas no geral, não foi capaz de tirar uma linha concreta de defesa do governo de Jango, preferível ao governo militar, através da mobilização eficaz das massas trabalhadoras. Nos últimos anos o PCB vem tirando uma política aberta de apoio ao MDB, sem a menor perspectiva de tirar uma linha própria de formação de um partido que defenda os interesses dos setores oprimidos da população. Temos ainda a tradição de conciliação dos Partidos Comunistas em todo o mundo com as burguesias nacionais e com os governos amigos da URSS, é o caso da política do atual PC argentino que aceita a ditadura assassina do General Videla. Mais grave foi a política do PC chileno que levou o país a um golpe de estado em 73.

A ALTERNATIVA: UM PS DA CLASSE TRABALHADORA

Dentro da política de criação de um partido da classe trabalhadora é importante que ressaltemos a nec-



cessidade de formação desse partido com base nos sindicatos e na própria classe e, com uma direção consequente que leve adiante um programa de luta em defesa do proletariado, com a perspectiva de formação de um Brasil socialista.

Nesse momento em que a burguesia fala em criar novos partidos, deve ser colocado abertamente a perspectiva de formação de um aglutinador da classe operária, que tenha um programa consequente com os interesses da classe.

É uma alternativa necessária e uma experiência importante para a classe trabalhadora na luta pela sua emancipação, a construção de um partido seu. No momento, essa classe que somente tem como alternativa votar em partidos burgueses (que nem de longe possuem um programa de defesa dos interesses do proletariado), a criação de um partido operário com um programa próprio significaria um avanço no grau de consciência da classe no caminho da sua independência. Porque neste caso haveria a possibilidade de todos participarem ativamente da elaboração e da discussão do programa, adequando-o à nossa realidade, discutindo-a nas fábricas e locais de trabalho e estudo, sobre sua aplicação e formas de intervenção na sociedade, atingindo uma grande efervescência política necessária à consolidação, à agitação dos problemas e ao início de qualquer mobilização.

Um partido com um programa claro em defesa dos interesses da classe trabalhadora, que permitisse de forma democrática a aglutinação de todas as correntes socialistas da sociedade brasileira e a participação ampla do trabalhador no seu interior, seria a alternativa concreta de construção do Partido Socialista. Este partido deve ser democrático na medida em que no seu interior todos possam expressar abertamente suas posições em relação à linha política a ser adotada e assim, impedir qualquer desvio burocrático, típico dos PCs, por parte de sua direção.

Esta direção deve ser eleita pelas bases e levar consequentemente o programa do partido tirado em discussões com todos os seus membros.

COMO CONSTRUIR O PARTIDO SOCIALISTA.

Fala-se abertamente hoje na criação de um ou de vários partidos socialistas (ver jornal Movimento, da primeira semana de outubro). Vários deputados do grupo dos "autênticos" do MDB foram à Europa entrevistarem-se com líderes do socialismo europeu, com a finalidade de formação de um partido nos mesmos moldes, no Brasil. Por outro lado, muitos intelectuais têm se pronunciado abertamente pela criação do partido socialista como alternativa de garantia da independência da classe trabalhadora e ao mesmo tempo "acompanhar a evolução do mundo ao socialismo", como afirmou um sociólogo brasileiro. Por sua vez até a Escola Superior de Guerra lançou-se em campo para estudos sobre a criação do partido no país e suas consequências. Claro está que se o grande parlamento da ditadura cogita das possibilidades de existência do partido é porque sua construção já vai avançada.

Dessa forma, acreditamos que todos os setores empenhados em levar a diante a elaboração do partido socialista, unam seus esforços e transformem a atual articulação realizada em circuitos fechados, para que seja trazida abertamente a toda opinião pública, com a finalidade de se obter uma participação maciça de todos os interessados na construção de um partido da classe e com a perspectiva do socialismo. É fundamental essa abertura nas discussões para que o partido se torne um verdadeiro partido de massas, como deve ser seu objetivo e possua um programa que possa ser elaborado através de um debate amplo entre todas as correntes que dele participem, de todos os independentes favoráveis à sua criação e da classe trabalhadora como um todo.

Por outro lado, o movimento estudantil como o setor mais avançado do movimento de massas no momento, deve romper abertamente com todos os partidos burgueses e propor a formação de um partido socialista, em cima de um programa que inclua a defesa dos interesses do trabalhador: por melhores condições de vida e trabalho; por liberdades democráticas; fim da ditadura; contra o imperialismo; pela expropriação da propriedade do imperialismo com controle operário, depois destas serem expropriadas; e pela reforma agrária. Consideramos também que os deputados e membros consequentes do MDB devem for-

mar imediatamente uma ala dentro do seu partido que agrupe todos os socialistas, uma ala socialista do MDB, que juntamente com outros setores lute pela formação de um PS, cumprindo aí o seu papel de parlamentares mais consequentes nas lutas democráticas e na luta pela independência política dos trabalhadores.

Finalmente, afirmamos nosso compromisso na luta pela criação deste partido socialista, com uma ampla base na classe operária e com seu programa, sabendo antecipadamente que a luta será longa e somente o movimento de massas poderá garanti-lo.

ENTREVISTA

EM QUALQUER LUGAR, PATRÃO EXPLORA EMPREGADO

Finalmente, após o massacre e a destruição das entidades operárias que existiam antes do golpe bonapartista de 64, o movimento operário começa a tomar fôlego e apresentar perspectivas de ascenso, baseado na reivindicação, mais do que justa, dos 34%, roubados pela ditadura à classe operária em 1.973.

Convém ressaltar que a possibilidade de avanço do movimento operário, deve-se, em primeiro lugar, à própria necessidade de luta que a classe trabalhadora sente ante a pauperização crescente de seus elementos e também pelo aparecimento de lideranças sindicais, menos pelegas e mais sensíveis às pressões da classe.

Dentro desse quadro, NOVO RUMO foi entrevistar Luiz Inácio da Silva, o Lula, como é chamado pelos seus companheiros do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Aqui ele fala sobre sindicalismo de uma forma geral e também dá sua opinião sobre o movimento estudantil e sua atuação. Embora não concordemos com muitas de suas posições políticas, não somos sectários e reconhecendo seu papel na luta que está sendo travada, apresentamo-lo aos nossos leitores.

Voce poderia fazer um histórico do movimento operário depois da descoberta da manipulação dos índices da inflação de 1973 pelo governo?

O movimento pela reposição salarial começou a partir do momento de havermos tomado conhecimento que tínhamos sido lesados, que havia sido falsificada a taxa de inflação, em benefício não sei de quem, só sei que em prejuízo da classe trabalhadora. A partir daí pedimos um estudo ao DIEESE e começamos a briga. Começamos praticamente sozinhos, a diretoria do Sind. de São Bernardo do Campo convocou uma primeira assembléia que teve a participação de 900 pessoas. Entendemos que era muito pouca gente para uma mobilização tão grande e então convocamos outra assembléia que contou com a participação de 5000 trabalhadores. Ainda não convocamos outra assembléia - e nesta virá muito mais gente - pelo simples fato de ficarmos trazendo os trabalhadores aqui não tendo nada de positivo para lhes oferecer, e isto provoca o afastamento do trabalhador. Dentro de alguns dias nós devemos convocar uma outra assembléia geral.

O movimento dos 34% começou numa hora em que o movimento sindical precisava aprender a reivindicar. Muita gente pergunta porque só agora o sindicato pede essa diferença, mas nós sempre pedimos a diferença, pois o dissídio coletivo o percentual que nós pedimos sempre é superior ao do governo, nós usamos os cálculos do DIEESE para efeito de dissídio coletivo. Acontece que a justiça do trabalho sempre julgou e nunca nos deu aquilo que pedíamos. E desta vez o próprio governo veio a público dizer que houve distorção nos números da inflação de 73. Para nós de São Bernardo houve muito mais prejuízo pois tivemos apenas 18% em 73 e 18% em 74. Quando Geisel assumiu a presidência em março de 74 - o índice de aumento era 18% - em novembro o índice já estava em 37%. Então os metalúrgicos foram os grandes prejudicados com essa falsificação de dados.

O governo já deu resposta negativa às reivindicações de reposição salarial. Vocês continuarão a luta, levando inclusive a greve?

A luta vai continuar. Estamos preparados para isso. A greve não é sinônimo de baderna como muita gente quer interpretar, é a força maior do trabalhador quando ele pretende valorizar a mão

de obra. Quando os trabalhadores tiverem consciência de que a greve é a força mais importante nesta luta, o sindicato a encabeçará. Hoje só existe dentro do processo trabalhista uma força: a classe patronal. São eles quem determinam as diretrizes do trabalho quando na verdade deveriam sentar ao lado dos trabalhadores medindo forças com eles e chagando aquilo que realmente interessa aos trabalhadores. A greve é uma consequência do nosso movimento. Quando o trabalhador estiver preparado não tenha dúvida que faremos isto.

Como estão as conversações entre os sindicatos e os patrões?

Os empresários estão convictos que conseguirão manter, ainda por muito tempo, o trabalhador nesta submissão. Eles só se tornarão sensíveis ao problema do trabalhador quando perceberem que o trabalhador está tomando uma posição mais séria em relação à sua situação. Estas conversações não têm dado bons resultados mas está nos tornando mais fortes, estamos adquirindo uma série de informações quanto às posições empresariais, isto nos possibilitará provar ao trabalhador que os empresários também não querem ceder nada. Se existe algum radicalismo, este está partindo dos empresários.

Existe algo no sentido de se fazer uma União Sindical, incluindo várias categorias, pela reposição salarial?

Esta União Sindical já deveria existir, mas no Brasil são proibidas reuniões intersindicais. Os trabalhadores têm o mesmo problemas nas fábricas, nas gráficas, nos bancos; em qualquer lugar o problema do trabalhador é a exploração feita pelo empregador. Todos os líderes sindicais deveriam estar se movimentando pelos 34%, acontece que existem pessoas acreditando que isto pode cair do céu.

Até que ponto a falta de consenso dos sindicatos que pedem a reposição - uns optam pelo dissídio, outros por uma ação de perdas e danos - pode enfraquecer o movimento?

Vejo a situação de uma forma contrária. Existem mais 7 mil sindicatos no Brasil, e o importante é que alguém fure o bloqueio da política salarial do governo, que é muito rígida, feita para durar 3 anos, mas que continua a arrochar o salário dos trabalhadores há 13 anos. Se

tivéssemos mil caminhos a seguir acho que deveríamos entrar pelos mil. Cada categoria deveria entrar por um caminho até que pelo menos um conseguisse a reposição.

Toda esta mobilização vai transbordar a questão puramente salarial, atingindo questões mais gerais como, por exemplo, liberdade sindical, direito de greve, democracia?

Sim, não tenha dúvida de que os 34% é apenas um dos itens, e nós temos reivindicado da classe patronal uma série de coisas que são aspirações máximas do movimento sindical. Seria até incoerência do movimento sindical esperar alguma oportunidade. Devemos diariamente reivindicar liberdade sindical. O mais importante, além de reivindicar, é preparar o trabalhador para essa liberdade, pois ela só vai chegar a partir do momento em que a classe trabalhadora estiver ciente de que ela é o sindicato, que só vai ter ajuda dela mesma, que precisa participar.

Quanto ao direito de greve, este sindicato tem pedido, tem brigado por isto, tem assinado manifestos para isso. O direito de greve é um desejo espontâneo do trabalhador, é uma arma poderosíssima que a classe tem. Se mal usada, realmente reverterá em prejuízo para a própria classe, mas se bem usada os trabalhadores e toda a nação só terão a ganhar com o direito de greve.

Como se posiconam os metalúrgicos quanto a uma Constituição Livre e Soberana?

Posso responder pelos metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Como presidente, fico muito preocupado quando vejo falar em constituinte, pois não podemos esquecer em instante algum que no Brasil já houve 3 Constituintes e a classe trabalhadora nunca esteve melhor, nunca se fez nada visando elevá-la à posição que realmente merece. Sempre se tentou usar o trabalhador como instrumento, e tenho dito pra muita gente que enquanto depender de mim, a classe trabalhadora não será instrumento de ninguém. A Constituinte teria validade se os trabalhadores tivessem representantes proporcionais a sua grandeza. Constituinte apenas de uma elite não vai resolver os problemas do trabalhador.

Alguns políticos e intelectuais têm falado muito na criação de um novo

partido. O que isso representa para o proletariado brasileiro?

O que precisamos entender de uma vez por todas é que os trabalhadores têm que participar da vida política do país. E na hora que tiverem de escolher seus representantes escolham homens que tenham vinculação com a classe trabalhadora, trabalhadores. Precisa-se acabar com o conceito que para ser político é necessário diploma de faculdade. Ninguém, por mais culto que seja, entende mais os problemas da classe trabalhadora que o próprio trabalhador, por mais humilde que seja. Então, não caberia falar de um novo partido. Se houvessem 10 partidos, os trabalhadores poderiam ter representantes nesses 10 partidos, e sem perder suas origens poderiam fazer muito pela classe, como em muitos países desenvolvidos onde eles são a maioria na Câmara e Assembléias. Acho que um novo partido só representará o trabalhador se criado por ele, dentro de suas aspirações máximas.

Qual a importância que os metalúrgicos dão ao Movimento Estudantil? Qual a relação entre ele e o movimento operário?

Acho muito válido o ME e os estudantes poderiam fazer muito mais do que têm feito, mesmo porque sofrem menos com seqüências do que a classe trabalhadora em qualquer movimento. Não deve haver relação entre trabalhador e estudante, pois estes têm problemas específicos os quais estão deixando de discutir em função de problemas gerais. O trabalhador tem seus problemas específicos e eles

mesmos têm condições de resolvê-los, sem que pessoas de nível intelectual maior venham tentar ser seus mestres. Os estudantes devem continuar a fazer movimentos, mas não podemos perder de vista que o idealismo dos estudantes é passageiro - de 4 a 5 anos - ou enquanto estiverem na faculdade. No último ano, eles já começam a pensar em como explorar o trabalhador, como se nota na prática. Os estudantes deveriam brigar para ser melhor o seu nível de ensino e prepararem-se para o mercado de trabalho quando saírem da faculdade. Hoje, o que a gente percebe é que, depois de ter estudado tantos anos, ele vai ser explorado, às vezes ganhando menos que um operário, sendo obrigado a ter mais de um emprego. E aí começa a divisão no campo profissional, competindo entre si.

Muitos empresários estão pedindo a redemocratização do país. Como voce vê isso?

Pelas reuniões que tenho tido com os empresários, não podendo generalizar, sinto que eles parecem querer redemocratizar os prejuízos. No auge dos grandes lucros, nunca se falou em redemocratização e essa redemocratização de prejuízos não interessa à classe trabalhadora.

O que seu sindicato tem a oferecer aos operários?

O sindicato é na verdade um grande prestador de assistência médica ao trabalhador. Mas devemos mudar radicalmente o conceito do sindicalismo, através de um aparelhamento técnico para competir com o avanço que as empresas tiveram nestes últimos 10 anos. É comum conversar-se com uma empresa e ela apresentar diversos documentos que justificam o baixo aumento salarial, sem ter como contestá-los, mesmo porque não temos outros. O sindicato tem que diminuir o investimento em assistência médica - mas não parar de oferecê-la, pois existem muitos trabalhadores que necessitam dela - e aumentar o investimento em pessoal técnico que faça inclusive previsões de aumento salarial para a categoria. E nós temos condições para isso. E o sindicalismo só vai se tornar mais forte quando os trabalhadores perceberem que o sindicato está lhes oferecendo algo em termos reivindicatórios. Vamos de uma vez por todas parar com o mero assistencialismo e começar a investir num Departamento Jurídico de fato, formar Departamento Sócio-Econômico dentro de cada sindicato, fazer crescer o DIEESE 5 vezes mais do que ele já está hoje, para que realmente tenhamos tantas informações quanto a classe empresarial.

Como está sendo feito o trabalho de ligação entre o sindicato e as bases?

Acredito que a curto prazo vamos ter comissões de apoio em todas as empresas do setor, o que seria a maior solução para que o movimento sindical e trabalhista partisse das bases. Hoje tudo sai da cúpula, de uma sala, e não de dentro da fábrica. O importante é o trabalhador dizer quais os problemas que enfrenta e quais as possíveis medidas para solucioná-los. Hoje isto é difícil porque a estrutura sindical brasileira prevê um mesmo número de dirigentes para todos os sindicatos. Todo sindicato tem a

penas 24 dirigentes, então somos obrigados a distribuir estes diretores em 623 empresas, ficando 99% delas sem pessoas do sindicato. Acredito que as comissões serão a solução para um sindicalismo realmente de base, porque o trabalho feito até hoje partiu da cúpula sem sequer ouvir os trabalhadores.

E quanto à oposição existente no seu sindicato à atual diretoria?

Existe oposição e em tudo deve existir oposição, até para enobrecer a categoria. A oposição tem que ser consciente e não partir para a mesquinhez, atacando individualmente quem quer que seja, mas para mostrar soluções. Para mim foi uma grande frustração quando em 1.975 este sindicato teve uma chapa única o que não motivou sequer a classe trabalhadora a votar. Na época das eleições o sindicato é mais difundido nas empresas. Se existir uma chapa de situação e uma de oposição, conscientes, não há dúvida que a classe trabalhadora só irá ganhar com isso.

E quanto à reunião entre sindicalistas e o Presidente Geisel a ser realizada agora em novembro?

Não poderia dizer que sou contra ou a favor, pois não sei o que o pessoal vai fazer lá. Se se dispuserem a ir a Brasília não apenas para ouvir, mas fazer com que sejam ouvidos, será importante. O fundamental é que em todas as oportunidades que os dirigentes sindicais tiverem para falar com as autoridades que estão no poder, que estão fazendo as leis deste país, não fiquem apenas dando "tapinhas" nas costas das autoridades, dizendo que está tudo bem, mas sim procurem mostrar com sinceridade e honestidade que alguma coisa tem que ser feita pa

ra mudar a situação ruim que se encontra a classe trabalhadora. Eu seria contra qualquer pessoa que mentisse para ele mesmo que se encontrasse com uma autoridade, com um patrão ou até com outros companheiros dirigentes sindicais, que não têm a coragem de dizer que os trabalhadores estão sendo esmagados pelos seus patrões. Isto tem que vir a público, deve ser denunciado cada vez que o dirigente sindical abrir a boca. Se este encontro for aproveitado para se mostrar a real situação da classe trabalhadora, então sou a favor.

Algo a acrescentar?

Tenho. Gostaria que vocês conhecessem a situação da classe trabalhadora hoje. É muito desagradável perceber pessoas que não conhecem esta classe tentarem falar em seu nome. O estudante é uma classe passageira porque fica pouquíssimo tempo na faculdade. E o trabalhador, na pior das hipóteses, se não morrer tem que ficar 35 anos trabalhando até se aposentar. Há muitas pessoas, intelectuais, autoridades e políticos, que falam da classe, mas só vão conhecê-la quando entrarem nas fábricas, quando souberem o que é uma linha de produção, quando conhecerem uma fundição. A partir do momento em que conhecerem isto, poderão falar da situação do trabalhador, assim mesmo não com muita propriedade, porque o importante mesmo é ser trabalhador, é ficar 12 ou 14 horas dentro de uma fábrica. Não sou contra os teóricos falarem da classe trabalhadora, pois estudaram tanto e devem ter boas mensagens para trazer-nos. Eu convidaria todos - a classe política, a classe intelectual e os estudantes - a descerem até às fábricas, que viessem visitar as fábricas, que vissem por um dia o que é a vida do trabalhador o que é entrar no serviço às 7 e ter que

sair de casa às 3 da manhã, o que é o trabalhador sair às 17 horas e chegar em casa 3 horas depois. Não se pode julgar a classe trabalhadora apenas pelo que sobre ela se escreveu e sim pelo que ela é.

Fala-se muito em peleguismo, mas precisa-se de uma vez por todas começar a criticar a estrutura sindical que leva o homem a ser pelego, e isso pouca gente tem feito. É necessário saber que esta estrutura foi feita na época em que ainda vivíamos na base do artesanato. Hoje pelo menos o Estado de São Paulo é altamente desenvolvido. É dado o direito ao dirigente sindical de ser vogal na justiça do trabalho e receber, além do salário do sindicato, 10, 13 mil cruzeiros. É dado também o direito dele ser juiz classista e ganhar mais alguns milhões. Tudo isto leva o homem a se "apelegar".

Também existe o homem que veio para a direção sindical e não estava preparado para sair de um macacão e assumir uma posição de dirigente. Existem pelegos e dirigentes sindicais bons, não se pode generalizar. O grande mal é que muita gente está deixando de criticar a estrutura sindical brasileira, e esta é realmente arcaica e não interessa à classe trabalhadora.

NÃO, EU NÃO TÔ
PREOCUPADO COM A
CENSURA AO TEATRO.
A ÚNICA COISA QUE
ME PREOCUPA NESTE MO-
MENTO É A CENSURA
AO MEU ESTÔMAGO!

